

FRANCISCO AMÊNDOLA

O TALENTO EM 100 MIL CAPAS

Será no próximo dia 10, no Teatro Municipal, a entrega do prêmio de 100 mil cruzelros, ao artista plástico Francisco Amêndola, vencedor do 2o. concurso para escolha da nova capa da lista telefônica de Ribeirão Preto.

A obra, que ficará no acervo da Ceterp, foi escolhida por uma comissão formada por Daici Ceribelli A. de Freitas (prof. de artes), Roberto Genaro (arquiteto), Edgar Pagnano (artista plástico), Paulo Maroubio (diretor de arte da MPM Propaganda) e Odila Mestriner (artista plástica).

Francisco Amêndola, 66, participações em Bienais, exposições no Brasil, Buenos Aires, Milão, EUA... Uma figura confiante, seguro de si, este Amêndola. Já nos conhecíamos (ou pelo menos eu o conhecia) de vernissages, aquela coisa de cumprimentar, dar um sorriso e depois "olha, conheci aquele artista, o Amêndola".

No catálogo que me oferece, o escritor Ignácio de Loyola o descreve com um riso mordaz (que anos depois ele vai descobrir porquê) e que me leva a pensar também que seu riso é mesmo intrigante.

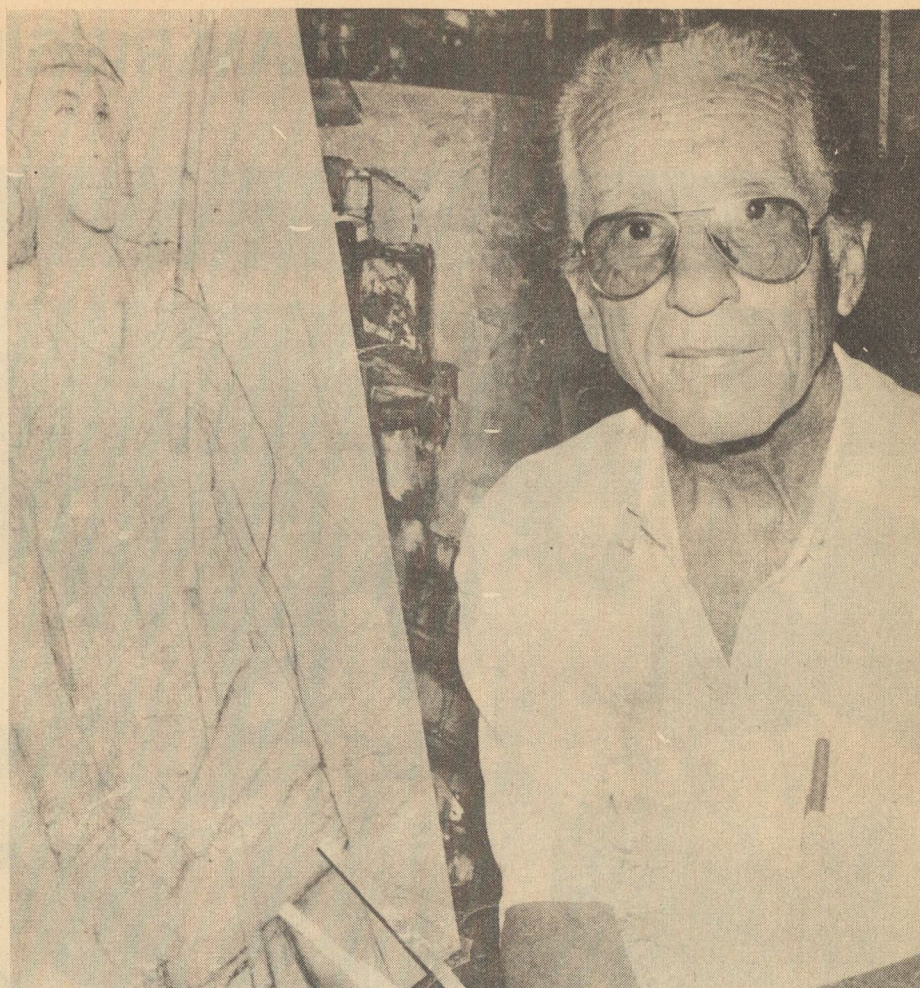
Impressão mal analisada de minha parte, acho que começo a descobrir um pouquinho desse artista, que define um quadro como "uma orquestração, é o equilíbrio, a colocação da imagem. A colocação dessa imagem é uma descoberta".

Vou encontrar Amêndola no seu ateliê (em conversa com Shozo Mishima) para falar do seu mais recente prêmio. Cafezinho à

mão, instalado em um banquinho, lá vamos nós embarcar num bate-papo que nem vê a noite chegar.

- "Acho uma obrigação de todo mundo participar. Recusado ou aceito, o artista tem que formar currículo. Aqui em Ribeirão Preto (ele é de Ibitinga, viveu um bom tempo em Araraquara) sempre defendi concursos em dois setores, na propaganda e nos eventos. Aliás, foi o que fiz na coordenação do SARP para os cartazes. É bom que se diga que sou um publicitário (lembra-se da Propaga?). Aplaudi esse concurso da lista telefônica, apoiei e defendi. O artista tem obrigação de concorrer e concorrer bem! Não é com qualquer rabisco não. Procurei mandar um trabalho bom; participei com fotografia e pintura. Não basta ser profissional, o artista tem que se preparar.

Já ganhei muitos, já perdi muitos. Fiquei satisfeito com a premiação, embora não esperasse ser aceito, não sabia com quem iria concorrer. Há 30 anos eu persigo uma



temática e ela é a que melhor me representa. Tive a preocupação de saber que o trabalho iria para um acervo, enriquecendo a cultura da cidade".

Para cada obra, existe uma cor ambiente. O efeito que o artista dá, cria uma "caligrafia" própria.

"O artista, diz Amêndola, tem que depurar sua linguagem. Não existe o artista domin-

queiro; tem que ser é profissional".

Acompanhando todas as Bienais (desde 51, participou de quatro), Francisco Amêndola faz uma pausa, estuda, pesquisa (no momento, seu livro é "History of Modern Art", de H. Arnason). Como também está produzindo muito, em vista da próxima Bienal - embora já tenha definido seu carro-chefe (um traba-

lho onde a mistura do verde e vermelho se harmoniza totalmente).

"A tradição da arte em Ribeirão Preto, diz ele, começou com Domenico Lazzarini, fundando a Escola de Belas Artes, na década de 50, onde depois se juntou Vaccarini. A primeira geração foi fantástica.... Lazzarini voltou para o Rio e em 58 mudei para Ribeirão, em substituição a ele, deixando

de vez Araraquara. Fizemos miséria, quanta produção! Acabamos criando o SARP, que hoje é uma enorme tradição de 15 anos.

Quanto às galerias, o problema hoje não é só aqui. Em São Paulo,

muitas estão com as paredes limpas. Ribeirão tem atualmente expressão de artistas e está melhor que muitas cidades que conheço.

O intercâmbio fez desta terra algo de nível. A concorrência é grande;

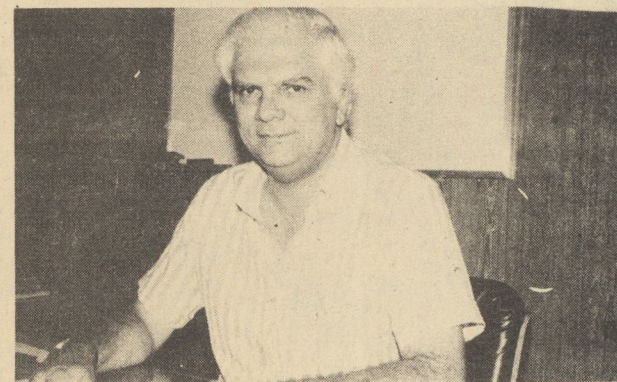
tem muita gente boa mesmo, que já vem há tempos trabalhando, pesquisando. Quem quiser começar, tem mais é que se espremer".

(Heloisa Bolelli)

Prestigiar talentos locais

Diretor superintendente da Ceterp, dr. Arthur Capuzzo fala sobre o concurso:

- "Procuramos prestigiar o artista local; bem como dar à Ribeirão Preto uma lista telefônica que fosse convidativa já desde a capa, levando o usuário a manuseá-la com maior interesse. Pensando que a Telesp, por exemplo, contrata artistas para fazer suas capas; e que a primeira iniciativa deu certo, por quê não continuarmos com o concurso?!"



São 100 mil listas, distribuídas também por um intercâmbio com outras empresas concessionárias do país.

"Enquanto estivermos por aqui, prossegue Arthur Capuzzo, nossa pretensão é continuar prestigiando os artistas locais".

Uma "coroação" para o artista

Vencedora do 1o. concurso com a capa "Fantástico urbano XIX" e membro da comissão julgadora deste ano, a artista plástica Odila Mestriner ressalta a importância do poder público em se interessar pela produção de artistas locais, dando toda uma divulgação.

- "O alcance da lista é muito grande. É um acesso às várias classes sociais; de pessoas que não tem contato com obras ou galerias e, que, desta forma, passam a conhecer um pouco do trabalho do artista, a sua linguagem. Ao mesmo tempo, o



concurso tem o caráter histórico, pois fica o registro na comunidade. Considero muito esses aspectos, independente do valor aquisitivo do prêmio. E a cada ano, escolhendo-se um artista novo, vai-se formando

um patrimônio". "A nível social, continua Odila, a repercussão é muito grande. Quando saiu minha capa, você não imagina quantos telefonemas recebi; gente que eu nem conhecia!

Para o artista que já tem uma linguagem definida, essa capa significa uma "coroação". A participação dos artistas é uma forma de prestigiar a prefeitura nesse aproveitamento e valorizar o evento, independente do sentido competitivo.

Devemos dar um crédito de confiança ao poder público, para que amanhã outras iniciativas surjam".